

O DOMINGO

ilustrado

SEMANAL

R. S. PEDRO - 18
TEL. 6374 - LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E ESTR.

MODAS - REPUBLICANOS - CENSO - TENDENCIAS - ESPORTES - RECREATIVOS - CONSERVADORES - UTILIDADES



Na arena de Vila Franca

Touros de morte — Cavalos de morte!!

Substituindo o antigo toureio português, tão nobre, tão elegante e tão característico, lançaram-se agora entre nós as touradas de morte, á espanhola, quando na propria Espanha uma enorme corrente se estabeleceu: já contra a Festa Nacional.

crónica da semana por norberto lopes

À BEIRA-MAR

NO ceu azul, duma doçura infinita, sobe lentamente um papagaio de papel de seda. Uma criança loira, que tem nos lábios um sorriso de alvorada, vai seguindo com os seus olhinhos tímidos de porcelana o vôo planado da fragil passarola — que resiste ao vento como um «Dornier» metálico todo pintado de branco.

Vem do mar proximo um cheiro forte a iodo e, na melancolia da tarde, os bravos pescadores aliam as redes, onde brilham escamas de prata e tons de perola ainda humida de pequeninas gotas de agua.

Ao largo, cruzam as velas latinas das chalupas que andam na faina da pesca. Há no azul do mar e no azul do ceu uma serenidade religiosa, que convida o pensamento a recolher-se dentro do cerebro como um frade beneditino dentro da sua cela.

Sobre a areia fina da praia duas crianças entrefêm-se a traçar com o dedo figuras ingenuas aprendidas nos livros de desenho. Mal imaginam esses dois innocentes, que ainda não apreenderam o sentido misterioso da gramática, que traçam sobre a areia a imagem move-dica e fragil do seu proprio destino.

Descem as sombras lentamente, sobre o mar. Acende-se o farol da Torre do Bugio e outro farol responde ao longe, sobre o Cabo Espichel, lançando na agua tépida um fecho luminoso. Na noite silenciosa, os faróis falam entre si, numa linguagem copiada do alfabeto Morse, de navios que se perdem na bruma do Atlantico, por não terem ouvido os sinais sonoros que guiam a navegação, quando cai o nevoeiro sobre a costa.

Vai saindo agora a barra um soberbo Mala Real todo iluminado como um grande casino, onde se canta, onde se fuma, onde se dança, onde a vida decorre alegremente, entre sorrisos e flores.

Cerrou-se mais a noite. O papagaio sterrou na praia; as duas crianças já não brincam na areia; perderam-se no mar as velas brancas das chalupas que andavam na faina da pesca. Só a luz dos faróis continua a alumiar a noite, isocrona, longínqua, scintilante.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

VIDA CARA



— Três escudos cada arenque?
— Então não sobe? Esta semana o mar esteve ruim os pescadores não se fizeram a ele e não houve peixe.

NOVIDADES E NOTÍCIAS D'AQUI E D'ALIÁ

A gratidão da Morte

MORREU Robert de Flers, que foi contista, jornalista, dramaturgo, academico, marquês, e, sobretudo, homem de espirito. Morreu ainda novo e quasi de repente. A sua ultima obra foi «Le Docteur Miracle», peça cheia de fantasia e de filosofia amena. «Le Docteur Miracle» é uma «charge» aos clientes do Dr. Voronoff, aos que julgam possível rejuvenescer, á custa de

glândulas de macaco. Robert de Flers defendeu a Morte, defendeu-a dos que ousaram tocar nos seus dominios sombrios. A Morte, reconhecida, abriu-lhe os braços, e ninguém sabe se Robert Pellevé de la Motte Ange, marquês de Flers, que foi, nesta vida, um homem feliz, está sendo, na outra vida, um homem felicissimo...

Príncipes «a reinar»

EMOCIONOU muita gente boa a noticia de que todos os principes espanhois herdaram a terrivel «hemofilia», doença que só se transmite pelas mães e aos filhos varões. Foi a doença do pobre «tzarevich» Alexis, filho de Nicolau II; a doença que levou a desgraçada «tzarina» a obedecer ao monge Raspoutine; a doença que levou a Russia á revolução e o bolchevismo ao poder.

É facil compreender — mas não avaliar — a tortura moral da soberana a quem as necessidades politicas obrigaram, talvez, a afastar e do marido, levando atraz de si o cortejo doloroso dos príncipezitos inutilizados para o duro officio de reinar... No trono, fica um rei sem herdeiros, um pai que afasta de si os filhos. No palácio, o horrivel silencio das casas onde morreram crianças... E o mundo inteiro á esprieta, vendo desenrolar o «film» onde se descobrem as miserias fisicas duma grande e unida familia, cujo simpatico chefe todos nós conhecemos, pelo menos de vista, e desde a mais tenra infancia. Onde ha fardo mais pesado que uma corôa de rei?

Dois homens e uma cadeira

NA America, numa terra chamada «Christon» (— venha um dansarino desengonçado!) dois homens esperam, ha mais de seis meses, que os sentem numa cadeira electrica, cuja especialidade é dar o melhor resposta... eterno. Cansados de esperar, resolveram fazer a greve da fome. Chamam-se Vanzetti e Sacco, e são dois italianos de idéas avancadas, acusados de terem assassinado o guarda



— Você é muito pequena para criada dos meus filhos.
— Perdão, minha senhora, mas isto é uma vantagem. Saponha que o seu bebê me col um dia dos braços?...

e o pagador duma fabrica de calçado, para roubarem 15.000 dolares. Por todo o mundo ergue-se um clamor de perdão. Mussolini, o homem que sabe mandar, sujeitou-se a pedir por eles. Tudo indica que não cometeram o crime. O juiz que os julgou em segunda instancia foi o mesmo que os condenou na primeira vez. Mas os americanos preferem a morte de dois innocentes ao desprestigio da justiça que os condenou. E como é possível que a fome não os mate depressa, os dois italianos irão sentar-se na cadeira onde se descansa definitivamente.

A psicologia dos pés

NA America, está sendo realizado um «film» em que só aparecerão os pés dos artistas, os quais terão que manifestar o seu estado de alma pelos movimentos das tibias, peroneos, e doutros ossos e musculos dos membros inferiores.

A idéa é menos disparatada do que parece. Os pés são um precioso indice psicologico. «Diz-me os pés que tens, dir-te-hei quem és...» Recordemos apenas a eloquencia dos pés de Charlie! Vai deixar de ser uma frase feita isto de se dizer que a alguém «fugiu-lhe a vergonha para os calcanhares»; os calcanhares tanto podem mostrar-se envergonhados, como audaciosos, insolentes, alegres, melancolicos, etc.

A eloquencia dos pés é tal que foi aproveitada em varios modismos familiares: temos o «pé de boi», o «pé de alferes», o «pé de meia», o «pé fresco», o «pé de vento», um negocio «em bom pé». E na maneira de assentar os pés no chão, que mundo de subsidios psicologicos, tambem estereotipado em tantos modos de dizer: andar com «pés de lã», andar «pé ante pé», não «pôr ré em ramo verde!», estar «a pé firme», «calçar aos pés», estar «de pé atraz!» Mas que bom pé para um eco, pode dar o «film» d.s pés!

O avião-papão

HA dias, sobre as praias dos Estoris, voou um avião, pilotado por um aviador que nasceu antes para andar pela terra do que pelo ar,

visto que veio descendo, descendo, descendo sobre as praias cheias de senhoras e crianças, até chegar a uma altura tão pouco «altura» que era facil distinguir-lhe a côr dos olhos. Enquanto o motor recrava, houve pânico, houve gritos, e as mães que o som terrível escutaram, aospritos os filhinhos aper-



INDISCUTIVEL

MÃE DESNATURADA



— Você não tem pena de expor uma criança a estes temporais?

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

LEIO nos jornais que a policia foi particularmente recomendado que traga sob apertada vigilancia os cavalheiros que usam e abusam do madrigal ás senhoras que passeiam pelas ruas, na legitima fruição do direito cujo exercicio não pertence exclusivamente ao sexo barbudo.

Eu disse madrigal por decencia, porque a recomendação feita á policia fala mais claramente em perseguições irritantes e em obscenidades proferidas á passagem das senhoras o que demonstra da parte de quem fez a recomendação um grande amor á verdade e uma sagaz observação.

Com effeito, sob este ponto de vista, Lisboa está sendo uma das cidades mais mal educadas do mundo. A mulher, que já occupa na sociedade tantas situações em que a liberdade de movimentos lhe é essencial, não conquistou ainda a liberdade simples de atravessar as ruas da cidade sem ouvir grosserias e sem estar sujeita a ter de dar com o saquinho de nápo pelo nariz dos mais ousados, que usam justar á palavra obscena o gesto atrevido.

Mais do que uma vergonha, é uma autentica torpeza o desplante de certos sujeitos que se postam nos sitios de maior concorrência para segredarem ás senhoras que passam cotas que se fossem ditas á fugosidade duma petronilha valeriam uma justa saraivada de sopapos pelos focinhos de satiros de contrabando. Chega a ser deprimente do genero humano a preocupação amorosa destes Lovelaces de quinta, que sopõem fazer render ás suas graçalhas a honestidade duma mulher, só com dizer-lhe, com gula, uma grossa palavrata a respeito dos seus encantos. Como se o alto sentimento que uma mulher é susceptivel de inspirar a um homem possa confundir-se com o furor sensual que faz bramar a besta ociosa.

E não são só os que falam e os que gestulam obscenamente que fazem nascer bengalas nas mãos mais pacificas. Os silenciosos, os que devoram com olhares gulosos as mulheres que passam, que se detem em plena rua para as remirarem com uma intenção vexante, são excitam menos o desejo de lhes aplicar aos lombos um «douché» de cavallo marinho.

Não sei até que ponto irá a efficacia das instruções dadas á policia sobre a protecção ás senhoras que tem de atravessar as ruas de Lisboa. Em geral, o guarda, que permanece de mãos atraz das costas, nas encruzilhadas da via publica, tambem não desgosta de jogar a sua graçola á criadinha de servir que vem praça, ajoujada com o cesto das compras, naturalmente ha-de mostrar-se benevolento com os transgressores, tanto n'ais que a sentença «mulher honesta não tem ouvidos» já hoje tem fóros de principio basilari no codigo da má criação nacional. Medidasasinha eficaz, para estes casos, seria a autorisação concedida aos pais, maridos e irmãos de espancarem livremente os tais cavalheiros, cujo maior prazer é meterem-se com as senhoras que passam.

Assim como se tira licença de arma, tira-se uma licença de uso de bengala e desantava-se o atrevido, com a consciencia de quem cumpre um dever. Quando a policia intervisse notava-se-lhe o cartão de livre bengalada e toda a acção do agente se limitaria a levar o espancado ao posto da Cruz Vermelha.



taram... Compadecido, o aviador largou para o mar e, quando estava sobre umas tímidas e indefezas embarcações, foi descendo, descendo, até haver nos barquitos um ambiente de naufragio do «Titanic». E o aviador que não se portou á altura, lá se foi, sempre rasteiro, sempre sem uma altitude mais nobre, mais alada... Quereria o aviador fazer «fili»?, mesmo de bordo do avião, com alguma sereia da praia ou do mar?

HUMORISMO



UM HOMEM DISTRAIDO

PO R X I S T O J U N I O R

tinham descoberto a India e outras partes remotas e que, portanto, lhe cumpria tambem descobrir onde morava aquela complacente senhora, que sorria tão ternamente aos Natarios, roçando-se por eles. Virou de bordo e começou a segui-la com um entusiasmo que as repetidas olhadelas e significativos gestos de cabeça da dama cada vez mais aumentavam.

Natário não teve dificuldade nenhuma em se esquecer dos seus deveres de chefe de família exemplar e tendo

visto, reflectida no vidro duma mostra a figura desempenada dum rapazola, que casualmente caminhava ao seu lado, julgou que era a sua própria imagem e esqueceu-se de que era careca e tinha cinquenta anos. E, estu-gando o passo na esteira da senhora, que toda era reviramento de olhos, sorrisos e acenos, ia murmurando entusias-mado, supondo-se na assembléa geral de seu grupo: «A'vante, pela Pa-tria e pela Republica!».

Varias ruas arçadas, a dama escoou-

se por uma portinha discreta, por onde Natário logo ousadamente enfiou tam-bem. No primeiro andar estava aberta outra porta e na meia luz dum corre-dor a senhora quarentona esperava, descalçando as luvas. Natário, recor-dando, por um prodigioso esforço de memória, os cercos de Diu, a tomada de Lisboa aos mouros, o assalto ao Museu de Artilharia e outras façanhas luzitanas, assaltou a dama com tão ri-jo abraço e tão fogoso bombardeamen-to de beijos, que ela exclamou, sur-preendida e irónica:

—Que é isso, ó Natario? Saíu-te a sorte grande?

Oh! deuses de piedade e misericór-dia!... Natário tinha seguido a própria esposa, até à própria casa, sem ter dado por isso e dispunha-se a atraí-la com ela mesma.

Julgareis que Natário, confundido e perturbado, voltou á realidade, apre-sentando explicações confusas. Isso



O Natario é, como o nome está dizendo, a nata dos homens; bom chefe de familia, funcio-nario zeloso no recebimento do seu ordenado e um defensor estrénuo das instituições e dos seus interesses. In-felizmente, a empanar tão brilhantes qualidades, Natario é a pessoa mais distraída e falha de memoria que o sol aquece.

Não se passa um dia que não seja assinalado por uma distração ou por um esquecimento do Natario. Quando sai de manhã para a repartição de Es-preguicamento e Estatística nunca se lembra que carro deve tomar, aconte-cendo-lhe apear-se no Campo Grande, julgando que desce no Terreiro do Paço. Na repartição ele é primeiro oficial, mas se lhe perguntam quais são as suas funções, ele supõe-se ainda nos tempos em que era tropa e res-ponde que é primeiro sargento, e que de certa maneira não está longe da

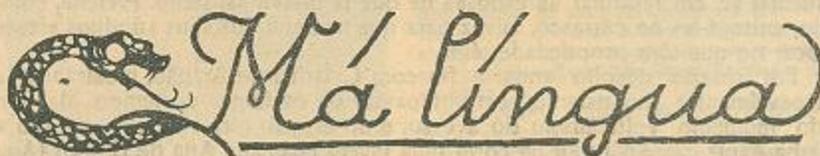


verdade, porque o Natario é um pri-meiro official inferior.

Pertencendo ao «Grupo dos 35», es-quece-se sempre de comparecer ás reuniões, não se lembra o «santo e se-nha» e já de uma vez se prendeu a si mesmo, por se ter encontrado com uma pistola na mão, o que lhe des-pertou suspeitas. As distrações de Na-tario, alem dos incomodos naturais e prejuizos de toda a especie, tem-lhe ocasionado desgostos serios.

Uma vez, ia Natario subindo o Chia-do a perguntar aos proprios botões qual era o seu destino, quando passa por ele uma senhora, de cerca de quarenta anos, mas muito desenvolvida para a idade, que lhe sorriu affectuosa-mente, roçando-lhe o braço pelo om-bro.

Por acaso, Natario lembrou-se nesse momento de que descendia duma raça de atiradiços e de aventureiros, que



Quatro Estações

I
INFANCIA

Meu valente cavallo de cartão com rodas redondinhas de madeira como eu amei tua alma sem cancela em ti montado sem chegar ao chão!

Foste um Pégaso ideal, de papelão; fizest-me senhor da Terra inteira: meu fogoso corcel de brincadeira sobre o qual fui maior que Napoleão!

Já nesse tempo eu vi que a creatura vive escrava da sede em que procura achar uma ventura que não achá.

Eu que sem escutar a tua voz te troquei pela audacia mais veloz de um tricicle com rodas de borracha...

III
MOCIDADE

A grande exuberancia embriagada de uma seiva que quer, fructificando, sem cessar redobrar e ir redobrando a sementeira de que foi gerada.

Uma intensa loucura bem pensada, num momento esquecendo e relembando tudo o que quiz, querendo e desdenhando... Cada sonho, o preço de uma cruzada.

Uma chamma alterosa que se agita numa tremura cálida, infinita, em torno da Illusão que ninguém vê.

Um audacioso ardor que não se esconde, sequioso de ir—sem bem saber aonde, e de Chegar—sem bem saber a quê.

RECEIO

II
ADOLESCENCIA

Um pallido efflorar de sentimentos. As borbulhas da barba. Lassidão. Calor. Muito calor no coração todo enfiado de mil acanhamentos.

Calças curtas. Desejos e tormentos. Muita tendencia p'á constipação. Nos gestos, um trambolho em cada mão; e fretes de embaixo os movimentos.

Futebol, esb leção, inexperiencia. Chimeras a lacerarem na consciencia exhaustivos e terros figurais.

Um soturno desdém pelos brinquedos namoricos, tolices, e segredos. Dezoito annos. O curso dos Lyceus.

IV
VELHICE

Nam longo marulhar namo dormente a espuma de saudades ramorosas... Horas claras, discretas. Pão e rosas. A vida a reviar-se finalmente...

Sentir,—mas ver que a tarde, ao que se sente envolveu já de névoas penumbrosas. Resignações caladas, dolorosas, que a alma recebe irremediavelmente.

Ver e Entender, sem que ninguém se affaste á nossa voz, de quanto surta e o arraste ao mesmo erro que nós do mesmo abysmo.

Azas no Espirito, azas no Razoão, e luz, e tanta luz no coração! Mas... os branchios... a pleura... o rheumatismo...



—Joachim, e se ha um desastre?... —Não tenhas medo, temos bilhetes de ida e volta...

sim! Esqueceu-se de que fôra ele mes-mo que viera atraz da consorte, só se lembrando de que um homem viera seguindo a sua mulher e de que ela lhe dera atenção durante todo o cam-inho—e com palavras violentas e de pistola na mão percorreu toda a casa, vasculhou os armarios, espreitou para debaixo das camas, á procura do «la-drão da sua honra», espavorindo o gato e o canario com grandes gritos: —Onde está esse infame?...

Tão extraordinarias qualidades inte-lectuais mereciam do governo especial atenção e assim se justifica que Nata-rio fosse ha tempos agraciado com o grau de cavaleiro de Santiago. Encon-trei-o, ha uns dias, com a lapela florida pela roseta rôxa, distintivo daquela ordem honorifica, e como ainda não soubesse da mercê, que lhe fôra con-ferida, interpelei-o, apontando a banda do casaco:

—Então o que é isso, amigo Nata-rio?

Ele olhou para a lapela, muito sur-preendido, com todo o aspecto de quem se não lembra. E depois de esfregar a testa, muito vincada no esforço da evo-cação, explicou-me:

—Isto é um sinal que o governo me mandou pôr no casaco para eu não me esquecer de que tenho talento.

XISTO JUNIOR

TRABALHOS
TIPOGRAFICOS

EXECUTAM-SE NAS OFICINAS
De O DOMINGO ILUSTRADO

TAÇO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

CRIAÇÃO DE LAGARTOS

Já há varios anos que se se tirava dos tecidos dérmicos dos grandes lagartos da América uma substância que tinha notável efeito rejuvenescedor sobre as peles humanas já fatigadas e enrugadas.

Essa substância entrava, secretamente, na composição de vários produtos de beleza e encobria-se com razões científicas a desenfreada caça aos lagartos gigantes. A raça estaria já exterminada, se alguns indivíduos de largas vistas não instalassem parques de criação de lagartos, parques hoje florescentes, pois os animais multiplicam-se e resistem mais do que na liberdade das savanas.

O CULTO DOS MORTOS

Quasi todas as religiões pregam o culto dos mortos e dão ensejo a que este, desde tempos remotos, se exteriorize de mil maneiras. A religião *malgache* não faz excepção á regra e é mesmo dominada pelo culto dos antepassados, que intervem em muitos actos da vida quotidiana. Ao longo das estradas, tem monumentos fúnebres e jazigos subterrâneos. Os «malgaches» visitam assiduamente os seus mortos e tratam nos com os maiores cuidados, chegando a mudar lhes de fato e a voltarem nos para o outro lado, prevenindo a hipótese de que os «mortos» podem estar fatigados de dormir sempre para o mesmo lado.

O CHEIRO DAS RAÇAS

Cada raça tem o seu cheiro próprio, que, por não ser acessível a todos os olfatos, não deixa de existir. Esse cheiro pode ser leve, forte, delicado e agradável. Nada tem que ver com a hygiene do corpo. Certos negros—homens, sobretudo—cheiram um pouco a amoníaco e a ranço; no Congo há negras que cheiram a avelãs; certos povos cheiram a alho; os chineses tem um característico cheiro almiscarado. Quanto aos europeus—segundo a opinião do antropologista japonês Adachi—exalam um cheiro forte e picante, ás vezes doce, ás vezes amargo e de variável intensidade; segundo a opinião dos indús e dos negros, é um cheiro a cadaver... Segundo os chineses, os franceses tem um cheiro avinhado e ácido, e os ingleses um cheiro especial, que persiste muito tempo nos locais onde eles habitaram.

«O BOM ABRIGO»

Em 1902, Gordon Bennett fundou, em Gennevilliers uma casa para os cães sem dono, que andam pelos cantos a morrer de fome, á espera que a morte lhes feche os seus pobres olhos feis. Durante anos, os amigos do homem ali viveram, felizes. Depois de várias peripécias, o asilo de cães ficou a cargo de M.^{me} du Gast, e o «Bom Abrigo» sofreu transformações. Agora é para cães e gatos, que vivem absolutamente separados. São perto de trezentos os asilados. A menor indisposição, baixam a enfermaria.

O «Barba-Azul» francês e o «Barba-Azul» inglês

O «Barba Azul» francês não conquistou a sua triste celebridade por ter sacrificado aos seus instintos preversos uma série de esposas; conquistou-a apenas por ser cruel em extremo, por ter praticado tais crueldades que é impossível apenas referi-las. O «Barba-Azul» francês é o homem-monstro e não o homem leviano e inconstante. Do «Barba-Azul» dos contos de crianças guarda apenas a feição de maldade e não o aspecto anecdótico, quasi divertido. Ao contrario do que seria de esperar, o «Barba-Azul» francês é um personagem de pesadelo, ao passo que o «Barba-Azul» inglês é uma figura que, sem deixar de ser moralmente horrível, tem seus aspectos humorísticos.

Se preguntarem a um francês medianamente culto quem foi o «Barba Azul», ele responderá logo que foi Gilles, barão de Rays, marechal de França, que viveu na primeira metade do seculo XV. Até cerca dos trinta anos, combateu valentemente e gastou dinheiro loucamente. Depois entregou-se á magia e fez-se bandido da pior espécie, tendo sido condenado á morte depois dum processo em que se provou a sua autoria dos mais nefandos crimes. O processo onde se alude ao requinte das crueldades por ele infligidas a centenas de crianças que raptou e matou tem dado ensejo a que a sua personalidade seja estudada á luz das modernas ideias sobre criminalidade mórbida.

O «Barba-Azul» inglês é nem mais nem menos do que o rei das seis esposas, Henrique VIII, que chegou a intitular-se «chefe supremo da Igreja de Inglaterra».

Amador do belo sexo e apreciando a variedade, este «bon-vivant» podia contentar-se em repudiar as esposas de que já estava satisfeito. Preferia, contudo, entregá-las ao carrasco, talvez para que nenhum dos seus súbditos viesse a tocar no que fôra propriedade régia.

Foi casado dezoito anos a fio com Catarina de Aragão, mostrando-se «razoavelmente» inconstante, sem ultrapassar os costumes do tempo. Mas em dado momento voltaram no do avesso, e do esposo quasi modelo, passou a «Barba-Azul»... Apareceu na cõrte uma jovem chamada Ana de Boleyn (Ana Bolena) que estivera em França, onde era dama de honor da duquesa de Alençon, e onde se impregnou do gracioso espirito ganlês. Agradou de tal maneira a Henrique VIII, que este começou logo a lembrar-se de que cometera um grave peccado casando com Catarina de Aragão, viuva de seu irmão Artur... Enviou de legados a Roma, para apresentarem o seu pedido de divórcio perante o Papa. A rainha protestou e o pontífice deu-lhe razão, declarando válida a união que já durara dezoito anos. O rei inglês, cada vez mais apaixonado por Ana Bolena, casou secretamente com a favorita, a quem fizera marquiza de Pembroke. O arcebispo de Cantorbery foi forçado a abençoar o casamento e a pronunciar a dissolução do primeiro matrimonio. Consequências: a excomunhão do rei pelo Papa; a supressão da autoridade do Papa, pelo rei; o scisma anglicano.

Catarina de Aragão viveu três anos no castelo de Dunstable, gritando os seus direitos de esposa. Ao morrer, porém, escreveu uma carta de adeus ao «seu rei, seu senhor e seu esposo», tão comovente que o «Barba Azul» chorou... Ana Bolena riu, exclamando: «Agora é que sou verdadeiramente rainha de Inglaterra!»

Riu pouco tempo. O rei, já quadragenário, hidrópico, cheio de úlceras, estava apaixonado por Joana de Seymour, dama da cõrte. Ana Bolena teve um filho que nasceu morto e como se tal episódio bastasse para fazer transbordar o desprezo que já inspirava ao rei, este mandou a prender e encerrar na Torre de Londres, sob a accusação de adúltera e incestuosa. Dezassete dias depois o Parlamento condenava-a a ser queimada viva ou a ser esquartejada, conforme o rei decidisse. Henrique VIII fez-lhe a graça de permitir que fosse decapitada. Ana Bolena ficou semi-louca, ao ouvir a sentença, e, encaminhando-se para o cadafalso, gemia e ria, alternadamente. Mas, prestes a morrer, recuperou a sua lucidez e subiu os degraus com tal magestade que a população emudeceu. Em voz alta, pediu que lhe perdoassem as suas faltas e declarou perdoar aos seus algozes; em seguida, pousou a cabeça sobre o cõpo. O carrasco ergueu duas vezes a machada, sem coragem para a deixar cair. Voltando-se para Thomas Cromwell, que assistia ao supplicio, disse: «Oh! Mylord, ela olha-me de tal maneira que nunca poderei matá-la!» Ouvindo isto, Ana voltou a cabeça, que daí a momentos rolava por terra.

No dia seguinte, Henrique VIII desposava Joana de Seymour, que morreu um ano depois, dando a vida a um príncipe. O rei chorou e barafustou; fez-lhe construir um túmulo sumptuoso e procurou-lhe substituta...

Pediu conselho a Francisco I, rei de França, bom conhecedor na matéria. Quis convencê-lo a trazer a Calais as mais lindas mulheres da cõrte francesa, mas Francisco I negou-se a satisfazer o pedido, respondendo-lhe que, em França, não era costume levar as damas á feira, como se fossem cavalos para vender. Então Henrique VIII, fazendo fé por um retrato de Ana de Cleves, pintado por Holbein, desposou a cunhada do Eleitor Palatino. Quando viu a sua nova mulher, teve a maior desilusão e, poucos meses depois, impôs-lhe o

A COCAINA

Tanto se fala na cocaína, e nem todos sabem como é obtida e quem a descobriu. A cocaína é um alcaloide descoberto, em 1859, por Memann nas folhas da coca, arbusto do Peru. A cocaína é solida, cristalizada, incolor, inodora, muito pouco solúvel na água fria, bastante soúvel na água quente, no alcool, no éter; é levemente amarga. As propriedades fisiológicas da cocaína foram observadas, em 1884, por M. Kollen. Reconheceu-se que a sua acção é igual sobre todas as mucosas. O seu emprego em injecções hipodérmicas, tornou-se geral: determina, com efeito, uma anestesia local que, num grande número de casos, torna inútil o emprego de anestésicos gerais. Em doses muito fortes, provoca fenómenos de hiperexcitabilidade, podendo dar origem a convulsões mortais.

OS ORDENADOS DAS ARTISTAS FRANCESAS

Mary Lewis, que faz actualmente a *Viuva Alegre* no Apolo, dará 50 representações por 150.000 francos (120 contos). Maurice Chevalier recebia no Palace 80.000 francos (64 contos) por mês; foi para o Casino de Paris ganhar 120.000 (96 contos). Elvira Popesco e Louis Vermeuil firmaram um contracto com o Teatro dos Campos Elísios, segundo o qual receberão, no principio do outono, pelo espaço de 14 dias e 20 minutos, a quantia de 98.000 francos (mais de 78 contos), o que vem a dar 350 francos (280 mil reis) por minuto.

Moière ganhava, como actor, pouco mais de 6.000 francos (4 contos e 800 mil reis) por ano; e, como autor, um pouco mais de 4.500 francos (3 contos e 600 mil reis) por ano. Mas, com esse dinheiro, podia ter uma companhia sua, criados, coche, casa de campo, e emprestar dinheiro aos amigos!

Para boa regularidade dos nossos serviços, pedimos aos nossos agentes a entrega das sobras, quando para este fim forem procurados. Chamamos a atenção dos nossos agentes para este assunto, devido á mudança que o nosso jornal vai sofrer.

divórcio. A gõrda fiamenga chorou, pediu uma renda de três mil libras esterlinas e autorização para ficar em Inglaterra.

Três semanas depois, o «Barba-Azul» desposava Catarina Houvard, sobrinha do duque de Norfolk. O rei viveu felicíssimo, até lhe contarem algumas aventuras «pré-matrimoniais» da sua nova esposa, que logo subiu ao cadafalso... Chegou a vez da sexta: Catarina Parr (a terceira Catarina...), viuva de Lord Latimer. Esta fez o sacrificio da sua vida ao aceitar o casamento. Pretendia apenas conseguir com a sua influencia sobre o espirito do rei atenuar o rigor das perseguições religiosas. Conseguiu-o até certo ponto, mas esteve prestes a perder-se por mais duma vez, chegando a ter ordem de prisão. Um belo dia, porém, o «Barba-Azul» morreu...

TEATROS

UM GRANDE PROFISSIONAL DE THEATRO

UM FORMIDAVEL SUCESSO DO ACTOR AMARANTE

Um director de teatro. — "As bichas do Avenida." — "Não ha borlas!" — Divisa artistica. — Uma companhia de actores que tomam a serio a sua profissao. — E' preciso viver e trabalhar!

"O Domingo Ilustrado" que guarda as tradições duma grande independencia de opinião regista com prazer o successo inegustavel do teatro Avenida com a revista "Agua pé". Merece Estevam Amarante as nossas felicitações e, brevemente "O Domingo", jornal popular

o sr. Silenio Flôres de que Amarante é empregario, de que ele tem uma companhia ás costas e de que as facturas da "Agua pé", até á primeira representação, corresponderam a outros tantos ch.ques de milhares de escudos para o banco onde estão guardadas, as massas...

Custou a convencer-se, mas convenceu-se. E lá vai hoje comprar o bilhete para a familia...

(Há muitos Silenios Flôres que infestam o teatro, e todos estes Silenios tem muitas familias.)



Amarante está confortavelmente repoltrado na sua "salêta". Um minúsculo automovel em que recebe os amigos. Quadros, a distrair as visitas... O ceu azul, a fronde das arvores, os electricos que, a espaços, descem a rua, e, aquella visita amavel dos espectadores em longa bicha.

Este quadro ullimo entenece devêras o artista empregario...

Não tem conta as miradas fugidias, antes que comece a entrevista que há a fazer.

"Contava, com este exito?"

— Sim, contava. Não há esforço meu que o publico não tenha premiado. Trabalhei contente na montagem desta peça. Senti que tinha entre mãos um punhado de ideias interessantes e originaes, com encadeamento, com ligação de scena para scena.

Tenho responsabilidades. Estragar o esforço de outros, realisando "à la diable" essas ideias não seria digno. Nem os "Irmãos Unidos" o mereciam... Fies deram-me o melhor que possuíam no atabalhoado da hora presente. Sacrificar-me?... Porque não?! A peça reclamava o sacrificio. Era preciso despertar a bolsa?... Paciencia! Teriamos que ensaiar "á bruta", sem olhar ás horas da praxe?... Que remedio! Satanela deu o exemplo. Foi incansavel. Toda a sua alma de artista, de mulher e de meridional vibrou como nunca.

Os meus artistas — a nossa familia — formaram uma hoste, decidida a não se deixar vencer pela fadiga nem pelo desanimo. Andaram pelo ar sonhos de arte que se corporisaram.

Não tinhamos bailarinos?...

Nasceram com os bailados, porque houve entre todos muita fé, muito amor, muita dedicação.

Artistas, auctores, colaboradores constituiram bloco.

O belo fello é um dos milagres da discipli-

na, da união, que muitos não admitem em Teatro.

"Folcu em colaboradores?...
— Preciosos, acredite. Não esqueço a contribuição valiosissima, para o successo da "Agua pé", dos scenografos; de José Barbosa que fez os figurinos; de s Armazens do Chiado, que os executaram; de M.^{me} Joséite Martin que fez para Satanela verdadeiras maravilhas de gosto e de elegancia; de Francis—esse grande artista e expellido camarada—que não se poupou a canceiras...

Está presente Alberto Barbosá, um dos auctores. Alhe o por momentos á conversa, mal advinha que a entrevista chega ao fim, impõe delicadamente silencio a Amarante:

— A revista triunfa. E' um facto. Sucedem-se as eschentes. Mas a revista triunfa, principalmente, pela realização que tem. "Agua pé" é representada todas as noites como se fosse uma peça de grande espectáculo, que o é, de certo modo, pela sua montagem aparatosa.

Deve-se este exito a Luiza Satanela, a Estevam Amarante, a toda a companhia. Satanela revelou-se em "Agua pé" uma "vedeta" extraordinaria. Os seus bailados são a expressão mais gentil da moderna revista portugueza. Cada quadro vivido por Luiza Satanela — e por Francis, seria injusticia não o citar—no conjunto gracioso das "girls"—artistas, é um momento de beleza de qualquer "revue" de Paris, de Londres, de Viena.

Amarante, com a serie de tipos arrancados á vida real, pela sua observação, pela sua maneira pitoresca de "compôr", pontillhou de chiste os quadros de "Agua pé". A sua personalisação assombrosa do "velho cocheiro", por exemplo, ficará na galeria dos tipos inextinguíveis da nossa scena. Mas como auctor, tenho que tornar extensivo a todos os elementos da companhia, o grande reconhecimento meu.

Findou por aqui a palestra na "saleta" de Estevam Amarante.

Ficamos longos momentos, silenciosos, a evocar todas as cores, todos os tons desses quadros de magia.

As marcas estranhas, ondejantes da "Agua pé", scintilam irrisadas...

A garridica das toilettes... o filigranado das expressões... a alegria, a sinceridade dos artistas. Perpassa aos nossos olhos a figura do "compère" admiravelmente incarnado por Antonio Silva, um actor com A grande, que respeitandose a si proprio, respeita o publico. "Zé do Bacalhau", o "Ceguinho" o "Marujo" são velhos conhecidos, subjugandonos com a sua imanente simpatia...

E' uma farandola, em vertigem, envolvida nas gazes vaporosas de Luiza Satanela, a estrela radiosa da nossa constelação scenica.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um do industriaes mais categorisados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de forma a torna-la a preferida do publico.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho Terrasse, agora arranjado de novo. O pai dos cinemas libbetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preço em concorrência. Amplissima e elegante sala.

cá por dentro

Consta que o actor Joaquim Prata va ser contratado para uma companhia de revistas, afim de reviver algumas das suas creações comicas, entre elas a do "Namorado saloio" da revista "Bombo de festa" de Abreu e Souza e Ascenção Barbosa.

— Com o pedido de publicação recebemos a seguinte nota, que damos com toda a reserva por não estar ainda confirmada.

"Vae dedicar-se ao teatro declamado a actriz Deolinda de Macêdo, dizendo que se estreiará num papel de "ingenua" de uma nova peça a ser montada no Nacional."

— Por motivos estranhos á sua vontade, vae mudar brevemente de "menu" o empregario Almeida Cruz.

— Consta que a classe teatral, em sinal de reconhecimento, vae dirigir uma mensagem ao empregario José Loureiro, pela protecção dispensada aos artistas portuges nas "tournés" ao Brazil.

— O actor José David ficiou ao Gremio dos Artistas Teatraes, justificando a sua atitude na substituição do seu colega Santos Carvalho, na peça "Maria Rapaz".

— Foi muito mais feliz, com os "tours de morte" o empregario Segurado que o seu colega Almeida Cruz.

— Quem vae para o Gimnasio? Recebem-se palpites nesta redacção até ao fim do ano.

— A gentilissima Hortense Luz vae crear, na revista "Olé", que no proximo domingo subirá á scena, no Maria Victoria, os papeis de "Soxofonista" e de "Marialva, um curioso "travesti" cavalheiresco.

por excellencia, dedicará um numero ao grande actor popular que em plena mocidade encarna admiravelmente o sentimento, a graça, a ternura e a paixão do povo de Lisboa?!

Estevam Amarante arranjou uma "salêta", em frente ao Avenida. Sob as arvores, á fresca, enquanto os espectadores se derretem, em bicha, longa cauda direita ao "guichet" da bilheteira. Amarante sorri, no seu ar de bom rapaz, cabeça descoberta, um olhar para o ceu azul, outro, de esguelha, para os borlistas desiludidos, que os há sempre, nas bichas matinaes do Avenida.

Há vinte noites que o sr. Silenio Flôres insiste com o pedidozinho de 1 camarote para a familia... E Amarante continua feroz: "Não há borlas!" — eis a divisa. Convenceu-se, por fim,

RETRATOS ARTISTICOS
E DE RAFINÉE EXECUÇÃO
AMPIA
SEPT. 1922
Bloque-notes
Como a profeta a
Foto America
R. Regente Carl G.
1022 - 2022
SÓ NA
FOTO-AM
R. REGISTO CI
Tel. N. 3029

Nacional Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Foz Pathé Cinema

A Companhia Nascimento Fernandes representa a revista de grande montagem "A Aldeia dos Macacos".
Uma das nossas grandes companhias de declamação hertha do Bivar-Alves da Cunha fazem reprise do drama de Victor Hugo "Os Miseraveis".
Fechado

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o miler creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca e do "cô" parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites: "Agua-pé".
Fechado temporariamente

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista "Cosido á portugueza" grande espectáculo de fantasia.

Cinema e Variedades. As maiores atrações do Music Hall—Ive and Miss Tonight, Pilar Monteiro, Sibot Sanchez, Armando Batiá, Hermanas Flores
Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O crime da Avenida Valbom

Página dum novo—reporter dos jornais de Lisboa—sobre um crime conhecido e que revela belas qualidades de dramatisação.

MADALENA, aquela rapariga que todos os frequentadores dos *dancings* nocturnos de Lisboa conheciam pela sua alegria esfusante, pelo trato fino e invulgar, pela sua esbelteza senhorial bastante rara nas pobres *cocottes* portuguesas, apparecera assassinada, no seu proprio quarto, numa casa que alugara na Avenida Conde de Valbom.

O facto emocionou profundamente toda a cidade.

A policia, posta immediatamente em campo, como dizem os jornais, perdia-se nas mais emaranhadas conjecturas sem conseguir descortinar a verdadeira pista que a conduzisse á descoberta do criminoso, que nenhum sinal visível deixara da sinistra obra dessa noite. O feroz estrangulador devia ter conversado durante algum tempo com a vitima e ella propria lhe teria aberto a porta da sua residencia e do seu quarto, visto não apparecer vestigio algum de arrombamento ou violação.

A cama estava apenas levemente remexida pela luta travada entre a pobre Madalena e o seu algoz.

Mas os sinais violaceos que o pescoço da infeliz rapariga apresentava indicavam que o autor do crime usara a precaução de calçar umas luvas de cautchú. E o crime da Avenida Conde de Valbom, assunto das conversas cidadinas durante alguns dias, jámais foi descoberto. E os jornais não perderam mais tempo com elle...

Contudo...

Contudo, houve alguém que conseguiu levantar uma ponta do mysterio que envolveu esse crime e se não participou á policia a sua extranha descoberta foi porque elle se revestiu de condições tão excepçionais, tão graves e tão melindrosas, que revela-las era produzir uma catastrophe, talvez duplamente grave e duplamente tragica.

A pobre frequentadora do *Maxim's* e do *Mayer* estava estirada no seu pequeno leito mortuario.

O sub-delegado de saude não comparecera ainda, a fim de ordenar a remoção do cadaver, e os agentes da autoridade proibiam terminantemente a entrada a todas as pessoas.

Cá fóra do vestibulo aglomeravam-se alguns *reporters* das gazetas, ávidos de curiosidade e procurando a todo o transe obter pormenores sensacionais para a publicidade dos grandes quotidianos.

Entre esses *reporters* estavam nós tambem.

Já por três vezes que tentamos illudir a vigilancia dos agentes, buscando os detalhes, desvendando os segredos que o quarto onde o crime fóra per-



Madalena, aquella rapariga que todos os frequentadores dos *dancings* conheciam...

petrado possuiria, mas sempre os agentes, com a delicadeza que todos nós lhes conhecemos, nos frustravam o intento.

Da ultima vez que fomos repellidos houve certa violencia. Escorregámos bruscamente no encerado do pavimen-

to... Foi uma queda deselegante, mas... descortinamos um cartão de visita, meio escondido sob a porta. Era um cartão, novo, dobrado, fino, de bom papel de linho...

Atraiu-nos a atenção aquele cartão de visita. Decerto o não deixara o anónimo...

E num movimento rapido, sem que o policia pudesse dar por tal, baixamos e apanhamo-lo rapidamente.

Retiramo-nos e, longe de vistas in-



Um cartão meu?!... Um cartão meu?!...

discretas, observamos tranquilamente o cartão.

Um nome, uma corda de conde.

O nome era o de um clinico de nomeada que toda Lisboa conhecia e respeitava, pela sua celebridade scientifica, pela sua ascendencia illustre, pela sua idade quasi proveccta.

Que teria ido fazer esse clinico a casa da *cocotte*?

Acaso seria uma cliente?

Mas nessa hipotese o medico não se faria anunciar por um cartão.

A austeridade do sabio era, por assim dizer, proverbial.

Relacionava-se, era corrente, apenas com a alta sociedade e jámais entrara na casa de um pobre, a não ser que uma chamada urgente e imperiosa, uma vida em perigo reclamasse a sua immediata presença.

E seria consequentemente mais logico que a *cocotte* fosse ao consultorio do medico, do que este a casa de Madalena.

A não ser... que a gentil mundana fosse amante do homem que toda a gente julgava muito longe de poder ter semelhantes e ineditas relações...

—Queira sentar-se!

E o facultativo indicou-nos uma fôfa poltrona; no belo consultorio uma rica mobilia D. João V dava uma nota de conforto.

—Deseja?...

—V. Ex.^a desculpa por certo a ousadia que tivemos em procura-lo. Mas desejamos escutar a sua opinião sobre um facto que durante os ultimos dias tem emocionado profundamente toda a população... V. Ex.^a, como clinico...

O rosto do medico enrugou-se um pouco. Contudo, retorquiu-nos cortezmente:

—Refere se?...

—Ao crime da Avenida Conde de Valbom... Aquella *cocotte*...

O homem contraiu brutalmente a expressão:

—Hein?! O Sr. disse?...

Repetimos a frase.

—E' espantoso! Que tenho eu de comum com o crime da Avenida Conde de Valbom!... E' absurdo que se me interrompam os trabalhos com fantasias desta ordem.

E o medico, a passos largos pelo aposento, agitado por uma colera indizível, explodia em frases aggressivas sobre o jornalista silencioso.

Depois soceçou um pouco mais. Tentou mesmo afectar um certo ar de bonomia, de piedade, superior.

—Quem foi que lhe meteu na cabeça—disse—que viesse procurar-me para trocarmos impressões sobre um assunto que desconheço por completo?...

O medico mentia. E a provar esta asserção estavam os jornais, quasi todos os jornais da capital que se encontravam espalhados sobre a sua secretaria. E eles quasi não falavam doutra coisa.

—Devo dizer-lhe que vim procura-lo a fim de escutar algumas frases suas sobre o assunto, por dois motivos.

«Primeiro, porque sendo V. Ex.^a um facultativo celebre e especialista em doencas nervosas, devia ter certamente e em face do mysterio que rodeia o assassinato da Avenida Valbom estabelecido uma qualquer hipotese na reconstituição do drama, reconstituição que seria interessante tornar publica, dada a categoria da pessoa que a formulava.

«Segundo, porque encontrei ao pé da porta do quarto da assassinada um cartão de visita com o nome de V. Ex.^a, o que me indica que V. Ex.^a a conhecia.

O medico deu um salto. Correu para mim na hallucinação, que lhe tolheu o olhar. A voz rouca, estertorandolhe na garganta, sibillava rouca:

—Um cartão meu?! Um cartão meu?!... Isso não é possível...

Não era o mesmo homem a falar. Ficaria um farrapo vencido e ninguém nele reconheceria a creatura que ha momentos me mandara entrar.

—Diga-me, senhor, que juizo formou a meu respeito depois de ler esse cartão? E' preciso que eu saiba o que representa a sua visita.

Ficámos enleados. Elle, porem, continuou, ao ver que não respondiamos á sua interrogação:

—O senhor concluiu que eu era amante dessa desgraçada?...

—Talvez—dissemos.

—Oh! mas é horrivel!

O medico levantara-se outra vez e pelas contracções dolorosas do seu rosto notava-se que uma tempestade, o fremito de tragedia lhe atravessou o corpo.

—Escute—continuou elle—nunca estive mais do que uma vez em casa de Madalena.

—Acredito-o, Sr. Doutor...

—Ainda bem!

—...Mas gostava que V. Ex.^a nos indicasse qualquer particularidade que soubesse da vida da *cocotte*... Uma questão jornalística simplesmente...

CONTINUA NA PAGINA 9

UMA NOVELA HUMORISTICA COMPLETA

ESTA vida foi sempre uma
ça dança, uma dança da
luta, da luta pela vida.

Porém, hoje é uma dan-
pegada, completa, cons-
tante, por musica e com os
passos e os aspectos mais
extranhos, imprevisos.

E' a furia do jazz desarticulando a
humanidade em charlestons, shimmys,
fox-trotos, new-blues, black bottons,
new black bottons e tantas outras ex-
travagancias dançantes que a moda vai
decretando.

Uma onda de gramofones invadiu
todos os lares, berrando, miando, guin-
chando, contagiando tudo e todos,
desde os pares que dançam ás mobi-
lias que oscilam desabaladamente.

Porque já as p.roprias coisas—os
móveis e os imóveis—gingam e balan-
çam em cadencia ao som dos varios
charlestons e ao peso dos numerosos
pares que em todos os predios, desde
a cave até ás culminancias das trapei-
ras, se desarticulam furiosamente em
grandes turbilhões de corpos, emaran-
nhados em permanentes pés de dança.

As grafonólas entraram já no mais
recondito dos lares, moendo incança-
velmente as suas desarmonias; ha já
quem coma ao som do charleston,
quem se vista e se dispa em passos
de fox, quem pense, quem leia, quem
escreva, quem faça tudo por musica e
a compasso.

Não é por isso difficil de prever onde
nos levará esta furia dançante, que no
futuro nos trará todos os momentos
da vida musicados, que nos dará uma
vida-concerto, com os proprios movi-
mentos revolucionarios em movimen-
tos coreograficos, ao som de jazzes
monumentais, em que os bombos e
os timbales serão substituidos pelos
cânhões. Verdadeiras bernardas dan-
çantes em que os combatentes se degla-
ditem em passos de fox trot e de shim-
my, vencendo aquele que menos estre-
mece durante o charleston ou o que
melhor desliza no black botton, de for-
ma a que os parceiros só lhe asso-
biam ás botas.

Chegaremos ao apuro de entrar na
agonia em cadencia e a compasso,
conjugando os últimos suspiros com
as dolencias languidas do tango.

O funeral será depois todo feito em
fox e a trote, acompanhado pelo car-
pir de lamentosos saxofones, todos co-
bertos de crepes tremulando ao vento.

Já o transitó nas ruas se faz ao
som de apitos e pelo processo das
contradanças; e se acrescentármos aos
silvos, guinchos e toques de businas
que enchem a vida moderna os novos
ruidos com que o progresso encherá
o grande jazz-band da vida futura,
não nos deve admirar que pouco a
pouco, sem querer, insensivelmente,
todos se vão contaminando desta fu-
ria dançante, saltitante, irresistível, que
tem dinamizado as pernas das moder-
nas gerações.

Vem isto a proposito do caso suce-
dido a um amigo, que nesta epoca fe-
bril, vertiginosa, toda impregnada de
acordes de jazz-band, teve a estulta
pretensão de ir certo domingo repou-
sar das fadigas da semana para casa
duns amigos veraneando no Estoril.

Logo á saída da estação, perto dos
primeiros chalets, ficou interdito, sus-
penso.

Apesar da hora matutina, o movi-
mento nas casas era enorme e nume-
rosos vultos perpassavam apressados
dum lado para o outro. Só quando se
aproximou percebeu a causa de tal agi-
tação.

A' medida que avançava iam lhe che-
gando os sons misturados de varios
gramofones, que em quasi todos os



« Uma onda de gramofones invadiu todos os lares... »

predios, logo de manhã, punham em
pé de dança os moradores.

De todos os lados, de todas as vilas
e chalets, numa confusão diabolica, se
misturavam os fox-trots com os tangos,
as valsas, os charlestons, os shimmys
e toda essa variedade enorme de pala-
vrões dançantes, que a moderna coreo-
grafia inventou para desgraça dos ca-
los universais.

O meu amigo notou mesmo que cer-
tas creaturas que demandavam a praia,
ao atravessarem aquela floresta cerrada
de sons, desencontradas, iam camba-
leantes e esboçando irresistivelmente os
passos de varias danças. Uma perfeita
embriaguez dançante.

Ainda aturdido bateu á porta dos
amigos. Mas ao entrar na sala deparou
com varios membros da familia ainda
em pyjama, mas ensaiando varios pas-
sos de charleston, apoiados nas costas
das cadeiras e perante um paciente gra-
mofone que desde madrugada os atu-
rava.

Dava a impressão dum numero de
revista.

A manhã decorreu assim toda entre-
cortada de tangos e fox trotos. Mesmo
durante o almoço, como o gramofone
era perpetuo—como certos calendarios
—incançaavel, infatigavel, incapaz de
emudecer, todos os pés se agitaram
sob a mesa em movimentos saltitantes,
coleantes, dando a impressão das re-
feições a bordo, em dia de temporal.

Durante o dia, como o gramofone
não parasse, o meu amigo viu-se tam-
bem forçado a entrar na dança.

E todos, novos e velhos, creanças,
militares com e sem graduação, todos
naquela casa passaram o dia a raspar
os oleados.

Um cadete de calções tufados, pol-
lains e esporas reluzentes, dançando
sósinho no meio da sala, para exempli-
ficar alguns passos complicados, evo-
cara um numero de opereta vienense,
um principe Orloff de trazer por casa,
de calções enfunados, mãos na ilharga
e esporas a tilintar.

Quando no dia seguinte encontrei o
meu amigo, derreado, com profundas

olheiras e sem que os pés moidos e os
calos em estado comatoso lhe permi-
tissem dar um passo, e extranei que
o repouso da vespera o tivesse estafa-
do mais que o labor da semana inteira,
respondeu-me com um suspiro de con-
valéscente.

Descreveu-me então o seu domingo
agitado, febril, e acrescentou:

—Meu caro amigo, isto é do tempo.
Tudo hoje é intranquilo, movimentado.
A humanidade já não póde socegar.
Ou trabalha a cabeça no labôr quoti-
diano ou trabalham os pés nas horas
de ocio. Lá quietos é que não podemos
estar. E' a vida. Já ninguém pára. A
incerteza e as atribulações da hora
que passa exigem o perpetuo movi-
mento, uma distracção constante, uma
constante occupação que nos impossibi-
littem de pensar nos males que nos



« Mas ao entrar na sala deparou com varios membros da familia ensaiando varios passos de charleston... »

afilgem. Foi a conclusão a que ontem
as circunstancias me levaram.

—E qual a sua impressão dessas
danças que aprendeu e que na sua
opinião nasceram como necessidade
urgente para nos fazer esquecer as
preocupações da vida moderna?

—As danças, aparte o objectivo que
apontou, nada tem de interessante;
pelo contrário. O charleston é bom
para sacudir a poeira acumulada no

trajecto e optimo para dar cabo dos olia-
dos e das canelas dos parceiros.

«O black-botton é uma dança em
que a gente anda, por assim dizer, a
pisar ovos, um faz que trota mas não
trotta, que não ata nem desata. Como
bem o observou um brasileiro meu
amigo, um cidadão fazendo aqueles
passos «lhi dava a impressão di um pirú
em chapa quente».

—E o tal new blues?

—Como o seu nome deixa antever,
é uma dança em que a gente se vê
azul. Compõe-se de seis passos e
dança-se com a mão direita sobre o
coração e fazendo grandes paragens
(paragens zonas), acompanhadas por
um harmonioso tremor de todo o
corpo. Uma dança excelente para pes-
soas nervosas e dadas a crises passio-
nais. Optima para meninas histericas e
fortes em ataques de nervos. Mas um
pouco difficil para quem tenha bastante
sangue frio e não trema ou vacile pe-
rante as mais violentas comoções.

«Para esses há só um meio: ir-lhes
contando durante a aprendizagem va-
rias historias tragicas, grandes e horri-
veis crimes, e como último recurso
apontar-lhes uma pistola á caixa cra-
neana ou fazer explodir uma bomba
nas imediações.

—E se mesmo assim não conseguirmos
o tremor?

—Nesse caso só disparando a pisto-
la ou deitando a bomba no meio da sala.

—O efeito deve ser surpreendente!

—Sim, nesse extremo até os circuns-
tantes dançarão sobre as cadeiras,
tornando-se o tremor extensivo a todo
o predio.

—Em conclusão, o meu amigo apre-
deu e divertiu-se. E diga-me: qual
dessas danças lhe occupou mais a acti-
vidade pedestre e mais o entusiasmará
para o futuro?

—Olhe, levei quasi o dia inteiro a
dançar o black-botton; foi um black-
botton constante e vai ser com certeza
um black botta-me abaixo...

AUGUSTO CUNHA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Sanatorios de crianças

O CRIME DA AVENIDA VALBOM

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

—Da vida da *cocotte*?!... Oh! Não, á minha frente não torne a dar esse tratamento á desgraçada Madalena.

—Mas se a conhecia apenas por a ter visto uma unica vez?!

—Uma unica vez... Uma unica vez... Oh! nunca a tivesse visto,

—Agora não compreendo, confessamos.

—Não compreende, nem pode compreender.

O medico fitava-nos com o olhar desvaído. As veias entumecidas, pareciam querer reventar.

—Ouça lá. Quem é que viu esse cartão de visita alem de si?!

—Ninguem!

—Ah!—fez ele e respirou profundamente.

Mas pouco depois ele tinha uma nova contracção mais violenta. Fitou-nos por uma forma sinistra.

—Ouça—disse-nos ele—V. é dos jornais e procura apenas uma noticia. Pois podia da-la! O medico... visitou de facto a famosa *cocotte*. O medico... interessou-se muito pela «assassinada» da Avenida Valbom. Quem sabe se é cúmplice, se é encobridor, se é o assassino! Que bela noticia! Que grande sucesso! Não era? De mais a mais um cartão de visita! Um cartão de visita entre o espolio da vitima era conclusivo, elucidativo, fulminante, não lhe parece?

«Vá prégar aos quatro ventos que sou um criminoso, que sou um assassino, que sou um facinoraa!

E, numa excitação crescente, terrível dominadora, o medico ia falando, crescendo sobre a cadeira onde eu me instalara, olhando-me em silencio.

Depois, redondamente, dum baque, o corpo caiu sobre a alcatifa.

A' noite, no hospital, consegui voltar a vê-lo. Disse-me apenas: lembre-se que eu tenho mais três filhas, e que o destino já me condenou...

Fiz tudo para salvar Madalena, e dar-lhe a vida e a situação que del ás filhas legítimas. Não a matei. Madalena suicidou-se apoz a visita que lhe fiz. No entanto foram as minhas palavras que a feriram de morte...

Lembre-se que um jornalista sabe muito mais do que o que pode contar...

JORGE SIMÕES

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

aromático. Dirige-o proficientemente o nosso amigo Dr. Antonio de Menezes, e julgamo-lo bem digno da caridosa atenção de todos os que se confrangem perante a côr terrosa, os ombros abaulados, as perninhas trémulas da grande maioria dos portugueses menores de dez anos...

NO Estoril, ha corridas de automoveis pequenos, para meninos pequeninos... Em Deauville, a dois passos do casino, sobre um longo estrado, desfilam meninas e meninos, de seis a dez anos, em passo vagaroso e atitudes teatrais... São meninos que vão «lançar a moda», meninos a quem as mães vestem cinco vestidos por dia, para se entreterem, como se entretinham a vestir e a despir as bonecas. Os meninos de Deauville e os meninos dos Estoril, os meninos que sabem desfilar perante a multidão e sabem rebolar na praia, em fato de banho, são os meninos felizes.

Vendo-os e admirando a sua graciosidade vaidosa, quasi nos esquecemos que ha, principalmente nesta Lisboa de miseria e neste verão sem agua, inumeros meninos que são apenas «garotos» da rua, que não sabem como é delicioso dar cambalhotas na areia fresca, e que, em vez de «modelos» de costureiros parisienses, vestem uma camisita em larrapos.

insignificante, que tornará viavel um tão simpatico pensamento.

Mas, a par da criança que é preciso preservar da doença, ha a criança já doente, a quem é nessesario salvar.

O nosso inverosimil atrazo e a nossa criminosa indifferença perante questões de puericultura são a única explicação de quasi não existirem entre nós, sanatorios para crianças, cnde medicos especializados encontrem recursos para a grande luta com a morte, que pretende chamar a si tantos pequenos desgraçados, a quem os vícios e mazelas dos progenitores atiraram para uma vida sem defeza. Os milagres provocados pelos banhos de ar, de sol e de luz artificial, não são já discutíveis. Já ninguem ignora que não só o raquitismo, como certas paralistas infantis, ulcerações por traumatismo, a doença de Little, as doenças de pele, como graves variedades de tuberculose, se curam por completo ou se suavizam pela



Esperando a hora banho, de sol e de ar. Aplicação dum banho de luz artificial, num sanatorio de crianças

Acontece mesmo que são quasi sempre os garotos da rua os mais necessitados de praia, e são os meninos frizadinhos e gorduchos os que aguentariam melhor um verão de Lisboa.

Está esboçando-se um movimento de protecção á criança de Lisboa, que é, sem sombra de duvida, a mais miseravel das crianças que habitam uma grande capital europeia. Fala-se na criação urgente de lactarios, balnearios, creches, escolas, internatos profissionais, maternidades, etc. Parece que bastam 700 contos para, em ano e meio, se edificar a Praia da Costa de Caparica um sanatório onde, anualmente, poderão limpar os pulmões mil e quinhentas crianças, mil e quinhentos desses garotos amarellos e esfarrapados que nos perseguem pelas ruas, a pedir um tostãozinho.

E' impossivel que o quotidiano espectáculo de horrivel miseria fisica que nos oferece a creança lisboeta não desperte a c.mpaixão necessaria para se reunir a quantia, relativamente

ação do ar, do sol e dos banhos de luz artificial.

A vida da criança ao ar livre, em logares isolados, afastados dos miasmas das grandes cidades, sob a acção dum ar carregado de todos os elementos quimicos necessarios para aumentar a força nutritiva do organismo, é a probabilidade maxima de resgate físico. O nosso clima presta-se admiravelmente á criação de sanatorios para crianças. Oxalá eles apareçam, por causa dos garotos—doentes e estafimados que moram em cubiculos sem luz e sem ar, por causa dos meninos ricos e frizadinhos, que vão á Suissa e á Alemanha procurar alívios.

Infelizmente, por enquanto só possuímos dois sanatorios infantis, ambos da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

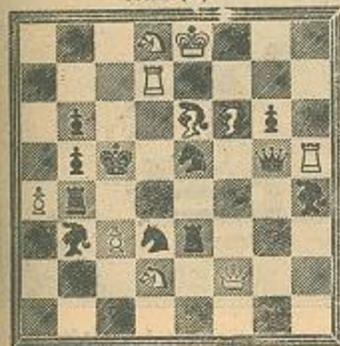
Tivemos, recentemente, occasião de visitar o de Carcavelos, esplendidamente situado mesmo á beira-mar, entre um pinhal expesso e

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 136—PROBLEMA

por G. M. Puchs
(1.º premio 132)
Pretas (11)



Branças (10)

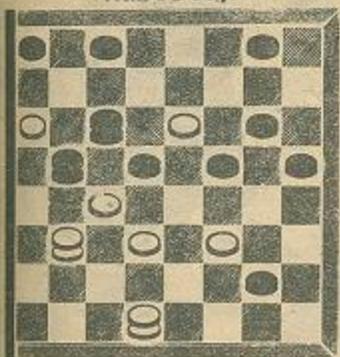
Mate em dois lances
Solução do problema n.º 135
(Corrias)
1 D h 7-b 1

Resolveram o problema n.º 134 os srs. Nunes Cardozo, Marcelino Marques de Barros e G. X. d'Orte de Mello.

DAMAS

PROBLEMA N.º 135

Pretas 2 D e 8 p.



Branças 2 D e 5 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 134

Branças	Pretas
1	1-5
1	16-12
3	19-24
4	26-30 (D)
5	5-9
5	39-23
7	21-14
1	12-3
	Damas

Resolveram o problema n.º 133 os srs.: Artur Santos, Agostinho Teixeira Marques, Berata Salgueiro; H. Braga (Gral), José Brândão (Infantas), Jozélie (Figueira da Foz), Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Panamacho, R. S. Antonio, «Neulame» (Figueira da Foz), Victor da Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pela sr. Anna Salgueiro, como retribuição, ao sr. Armando Machado, do problema n.º 132.

Para o seu escritorio

pass. finteiros, livros de escripturação, pastas e todos os trabalhos de typografia e encadernação.

Papelaria Palhares

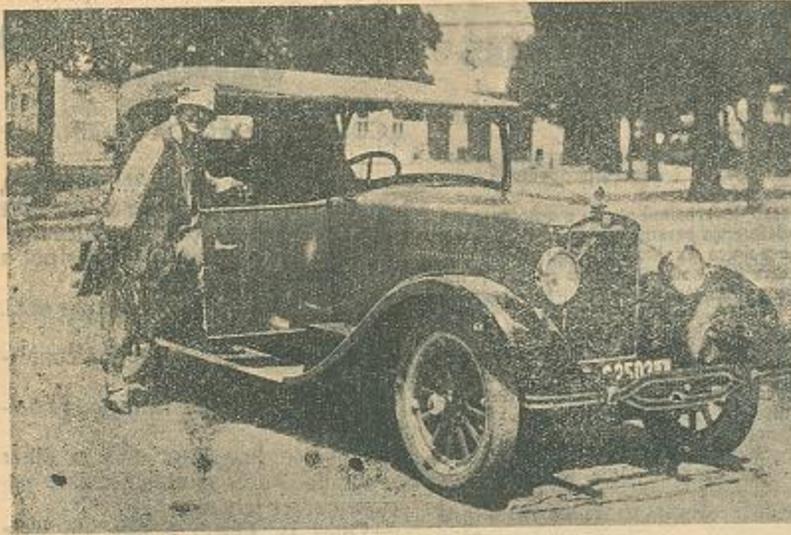
139, RUA DO OURO, 145

TELEFONE 842 C.

o melhor Zubisky é o Zubite Horse

actualidades graficas

A GRANDE TOURNÉE STUDBACKER



Lucilia Simões, a eminente artista, que com seu marido, o notavel actor-empresario Erico Braga, e de sua companhia estão fazendo a volta a Portugal, de automovel, numa tournée artistica.

UMA VITORIA DO "PEUGEOT"



O carrinho «Peugeot» que se classificou brilhantissimamente na corrida da Curia, conduzido pelo nosso amigo e rotavel volante Sr. Tude Magão.
Cliché de «O Volante»



EM FARO: GRANDE VERBENA ESPANHOLA

Grupo de gentis senhoras que tomaram parte no concurso de «Mantones de Mañilla», na Alameda João de Deus. Ao centro a senhora Consulesa de Espanha, D. Rita Moncada Dieguez.

OUTRAS TERRAS OUTROS USOS. AS FESTAS CELTIQUES DE RIEC

Mulheres gaulesas em trajos regionais caracteristicos, cheios de pitoresco.



NA PRAIA



Quem é esta elegante parisiense que fuma «cigarettes» todas as manhãs, no Est...

JOIAS DA OURIVESARIA PORTUGUESA



Uma admiravel e elegante peça de ourivesaria da afamada casa J. M. & Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82.

PUBLICIDADE

Bebam a excelente e finissima
AGUA DA COSTEIRA
(Alhadas-Coimbra)
A melhor agua de mesa
Pedidos a C. 1819

Sifiliticos

Preferi a todos os preparados os supositorios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades — **EFICACIA COMPLETA** — **TOLERANCIA ABSOLUTA** — **EMPREGO FACIL**.

A' venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA
24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS
31, Praça D. Pedro IV, 32

LISBOA

COLÉGIO DE SANTO ANTONIO

Rua Maestro Antonio Taborda, 14 — LISBOA

(Bairro Novo da Lapa) — Telefone C. 1561

Director — Dr. José d'Almeida Correia

PROFESSOR E CÓNEGO DA SÉ DE VIZEU

Encontra-se já aberta a inscrição de alunos, neste novo colégio católico, para o próximo ano escolar. Admite alunos internos, semi-internos e externos para os Cursos de Instrução Primária, Curso dos Licenç, Curso Comercial e Curso Agrícola. A direcção técnica deste último curso está confiada a um professor diplomado e com prática de ensino da especialidade.

Pela sua esplendida situação higiénica e segura, pelas condições de salubridade, acção e conforto das suas instalações, pela orientação pedagógica e disciplinar traçada no seu programa, em muitos pontos diferente da geralmente seguida noutros colégios, — orientação — que visa a fazer a vida colégial um prolongamento da vida da família —, o Colégio de Santo Antonio impõe-se-lhe a consideração de todos aqueles que desejarem proporcionar a seus filhos, a par da esmerada cultura intelectual e física, uma sólida formação moral e religiosa e a preparação para a vida como ella é na realidade.

Envia-se o Programa-Regulamento, e quaisquer outros esclarecimentos, aos interessados que os solicitarem.

Lancia

O CARRO DE MAXIMO CONFORTO

AGENTES NO SUL:

AGENCIA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}

26, TRAVESSA DE S. MAMEDE, 28

LISBOA

MOVEIS

GRANDE SORTIMENTO de mobílias de quarto, casas de jantar, escritórios, sa as em diferentes estilos e madeiras.
DECORAÇÕES. Sortido de tapetes, carpetes, oleados, cortinados, etc.
MOVEIS DESIRMANADOS; toilettes, guarda-vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc.
Preços sem competencia
ARMAZENS BARROCA — 31, Rua da Atalaia, 35—Telefone: Trindade 1095



Automoveis

A CHEGAR NO-
VOS MODELOS
4 E 6
CILINDROS

Agentes gerais no Sul:
J. J. Gonçalves, Sucs.

R. RODRIGUES SAMPAIO, 90 E 92

BARBEARIA AMADO

Proprietario Pedro Souto Amado

Depois de radicais transformações, reabriu esta antiga e acreditada barbearia. Dispondo de pessoal habilitadissimo, o publico encontrará a maior higiene e conforto neste salão de barbear, o qual com as modificações porque passou, rivaliza com os melhores deste genero em Lisboa.

RUA DO NORTE, 82—TRAV. DO POÇO DA CIDADE, 11 e 13



De Berlim a Pekim e volta

voou no verão de 1926 um avião pesado sem o mínimo acidente. Este afamado vôo à Asia Oriental foi obtido utilizando velas Bosch. Se não quer ter interrupções no seu motor, deve applicar-lhe velas Bosch. Por isso, exija sempre velas Bosch.



Bosch

Representante exclusivo:

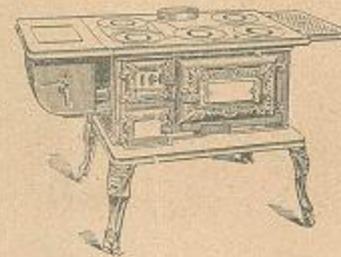
ROBERTO CUDELL

RUA PASSOS MANOEL, 41 — PORTO

Fogões Escoceses

(MODELO CASEIRO)

Economicos.
Centenas a funcionar
em
Portugal.



Depositario:
Herber Cassels
Junior

Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA — Telefone C. 3256

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS
PROVINCIA, ETC.

URNAS
ARMAÇÔES
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVICO PERMANENTE

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIAL:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURA
ANNUAL 12000\$
SEMIANNUAL 6000\$
TRIMESTRAL 3000\$
MENSAL 1000\$

ASSINATURA
ANNUAL 12000\$
SEMIANNUAL 6000\$
TRIMESTRAL 3000\$
MENSAL 1000\$

NOTÍCIAS & REVULSÕES CENICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CIRCULARES & UTILIDADES



Um grande triunfo de Luisa Satanela

Satanela, a formosissima «divette» do Avenida tem, na revista «Água-Pé» um grande triunfo. A primeira estrela-bailarina do nosso teatro ligeiro apresenta «toilettes» assombrosas de riqueza, como o belo figurino desta pagina.